

## **Maternidade e Sofrimento Social em Tempos de Covid 19:**

### **Estudo de Mommy Blogs**

*Maternity and Social Suffering during Covid-19 pandemic:*

*Study of Mommy Blogs*

#### **Autores**

Tânia Maria José Aiello-Vaisberg. Livre docente em Psicopatologia. Professora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. São Paulo - SP. Telefone: 11 98187-4855 ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3894-1300> e-mail: [aiello.vaisberg@gmail.com](mailto:aiello.vaisberg@gmail.com). Contribuição: Concepção e desenho do estudo, análise e interpretação do material, redação do manuscrito, revisão e aprovação final

Sueli Regina Gallo-Belluzzo. Doutora em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Campinas - SP. Telefone: 19 99195-0752 E-mail: [suelibelluzzo@gmail.com](mailto:suelibelluzzo@gmail.com). Contribuição: Concepção e desenho do estudo, análise e interpretação do material, redação do manuscrito. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0160-9152>

Carlos Del Negro Visintin. Doutorando em Psicologia (Bolsista CNPq) na Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Paulínia - SP. Telefone: (19) 99179-1325. E-mail: [carlos.visintin@gmail.com](mailto:carlos.visintin@gmail.com). Contribuição: Análise e interpretação do material, redação do manuscrito. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1995-1047>

## **Resumo**

Circulam socialmente, em nosso país, imaginários coletivos, segundo os quais a mãe biológica seria a melhor cuidadora dos filhos. Tais crenças têm gerado problemas na medida em que um grande número de mães, que vive conjugalmente ou como único adulto da casa, encontra-se, atualmente, inserida no mundo laboral. Suas dificuldades cotidianas, geradoras de sofrimentos emocionais socialmente determinados, apresentam-se amplificadas, em função de medidas de isolamento com vistas ao enfrentamento da epidemia por COVID-19. Justifica-se desse modo a realização do presente estudo, que tem como objetivo investigar a experiência vivida de mães durante a vigência do isolamento social. Metodologicamente, o estudo articula-se como pesquisa qualitativa com uso do método psicanalítico, usando, como material, postagens de três mães que tematizam manifestamente a questão em estudo. Como resultado, a consideração psicanalítica do material permitiu a enunciação de resultados interpretativos de acordo com os quais as manifestações das internautas emergem a partir de dois campos de sentido afetivo-emocional, “Fazendo tudo e mais um pouco” e “Meu filho, minha felicidade”. Quando se busca aprofundar os resultados interpretativos com contribuições winnicottianas, que articulam as capacidades humanas de criatividade e cuidado, pode-se considerar que experiências maternas vividas como sofrimentos sociais podem ser amenizadas. Tal consideração ocorre, na medida em que a organização de cuidados infantis, conhecida como maternidade, puder ser parcialmente substituída por práticas que envolvam a participação engajada de outros adultos, pertencentes a redes familiares ampliadas e a redes comunitárias.

Palavras-chave: COVID-19, Maternidade, Pesquisa Qualitativa.

## ***Abstract***

*In our society, certain collective imaginaries socially circulate, according to which the biological mother would be the best caregiver of their children. Such beliefs have created problems, considering that a large number of mothers, who live together or who are the only adult in the household, are currently inserted in the labor market. The daily difficulties, which generate socially determined emotional sufferings, that these mothers face are amplified, due to isolation measures aimed at dealing with the COVID-19 pandemic. As such, this study, which aims to investigate the experience of mothers during the period of social isolation, is justified. Methodologically, this research is*

*articulated as a qualitative study using the psychoanalytic method, which used, as material, posts from blogs through which three mothers discuss the issue under study. As a result, the psychoanalytical consideration of the material allowed the enunciation of two interpretative results, understood as fields of affective-emotional meaning, “Doing everything and a bit more” and “My son, my happiness”. When seeking to deepen the interpretative results with Winnicottian contributions, which articulate the human capacities of creativity and care, it can be considered that maternal experiences, lived as social suffering, can be mitigated if childcare organization, known as motherhood, can be partially replaced by practices that involve the engaged participation of other adults, who belong to extended family, and community networks.*

*Key-words: COVID-19, Motherhood, Qualitative research.*

## **Introdução**

Desde que foi identificada, em dezembro de 2019, a doença COVID-19 apresentou um rápido crescimento. Como decorrência, instituições governamentais de saúde mobilizaram planos de prevenção, urgência e emergência para conter o aumento exponencial de casos e evitar a sobrecarga nos serviços de atendimento à população. Dentre tais planos, incluem-se medidas de distanciamento social, como, por exemplo, confinamento doméstico, suspensão das atividades escolares, fechamento de indústrias e comércio, incentivo à realização do trabalho remoto e restrições de viagens, entre outras.

Essas medidas não causam impacto apenas no avanço da doença, mas também na economia, nas relações sociais, na convivência familiar e, conseqüentemente, na saúde mental das pessoas, o que também merece a atenção dos profissionais da saúde. Nesse sentido, tem surgido indícios de aumento da violência contra mulheres e crianças, que podem resultar em eventual aumento do número de feminicídios praticados durante esse período de convivência forçada. Em conjunto, algumas pesquisas apontam que mulheres e crianças estão entre aqueles que ficam mais desprotegidos durante a situação de confinamento, que traz consigo várias limitações, entre as quais se inclui a dificuldade de pedir ajuda<sup>1,2,3</sup>.

Uma questão importante, que merece ser abordada pela pesquisa científica, diz respeito às repercussões psicológicas do confinamento doméstico na vida das mulheres/mães. Considerando que diversos estudos demonstram que a mãe continua a ser imaginada como a melhor cuidadora das crianças, independentemente de suas condições concretas de existência, questionamo-nos sobre a experiência emocional que vivem, atualmente, em situações como aquela, atualmente imposta, de isolamento social<sup>4,5,6,7</sup>.

O estudo de práticas de cuidado infantil, em diferentes culturas, tem indicado que essas variam amplamente e são culturalmente determinadas<sup>8, 9, 10</sup>. Em outros termos, podemos afirmar que a crença imaginativa, amplamente adotada pela sociedade ocidental, de que o melhor cuidado de crianças e adolescentes é aquele que ocorre no contexto da família nuclear, sob responsabilidade direta da mãe biológica, não se sustenta empiricamente<sup>11,12,13,14</sup>.

Ou seja, o que atualmente denominamos, em nossa sociedade, como maternidade, corresponde a uma das maneiras pela qual se pode resolver o problema da dependência de cuidados de bebês e crianças. Nesse arranjo cultural, que consiste no ocupar-se das necessidades infantis como adulta solitária, em ambiente domiciliar, a mãe biológica é concebida como a melhor cuidadora das crianças, em função de suposta disposição natural, instintivamente determinada, de proteção à prole. Revelando-se histórica e culturalmente determinada, tal concepção surgiu na Europa do final do século XVIII, e vem sendo defendida, ao longo do tempo, por médicos, legisladores, filósofos e, inclusive, psicanalistas, que a consideram como forma capaz de assegurar a observação dos preceitos da puericultura e da saúde mental, favorecendo, com a concorrência da instituição escolar, o desenvolvimento de futuros cidadãos<sup>15</sup>. Insere-se, de fato, no contexto do desenvolvimento capitalista inicial, que retirou a mulher do espaço laboral, remetendo-a ao domicílio para realização de trabalho reprodutivo não remunerado<sup>16</sup>.

Entretanto, profundas alterações socioeconômicas e culturais, nas quais as lutas feministas desempenharam influência significativa, modificaram a condição da mulher na sociedade contemporânea. Sua entrada no mundo laboral parece ser uma das mais importantes transformações sociais, pois favorece maior independência financeira e experiências de realização, que transcendem a esfera do trabalho reprodutivo<sup>17</sup>. Contudo, tal conquista, que modifica a visão acerca da capacidade de participação da mulher no trabalho produtivo, parece não ter sido suficientemente potente para alterar imaginários sobre a mãe em relação aos filhos. Assim, mesmo quando é profissionalmente ativa, essa continua a figurar como a principal e melhor cuidadora, como se pode constatar empiricamente<sup>18,19</sup>. Configura-se, assim, uma evidente sobrecarga que pode gerar sofrimentos emocionais, socialmente determinados, que atingem tanto as próprias mães como os filhos e demais familiares.

Quando apreciamos esse quadro à luz da medida, atualmente vigente, de isolamento social no contexto da pandemia por COVID-19, que implica realização de trabalho profissional dos adultos em ambiente doméstico e permanência contínua de crianças no lar, em virtude do fechamento das escolas, pode-se ampliar a compreensão sobre as repercussões subjetivas da dupla jornada, também conhecida como segundo turno<sup>20</sup>. Na condição de 24 horas de permanência domiciliar da família nuclear, a casa se torna não apenas um centro de convivência, como uma unidade no interior da qual se

realizam tanto o trabalho produtivo, sob forma de *home office*, como o conjunto das atividades reprodutivas de alimentação, higiene corporal e repouso, que correm habitualmente sob responsabilidade da mulher-mãe. Tal condição certamente merece atenção por parte dos pesquisadores, em função de seus impactos sobre a saúde mental<sup>2,3,21,22</sup>, motivando o estudo de suas repercussões afetivo-emocionais, eventualmente não conscientes<sup>23</sup>.

## **Método**

### *Delineamento*

Objetivando investigar a experiência vivida por mães durante a medida de isolamento social para evitar contágio por COVID-19, o presente estudo se delinea como uma pesquisa qualitativa com uso do método psicanalítico, na medida em que busca compreender significados emocionais relativos a diferentes questões humanas. O método psicanalítico consiste em opção epistemologicamente válida, que permite a produção, registro e análise de atos e manifestações humanas, de modo a gerar interpretações, entendidas aqui como resultados interpretativos de pesquisa empírica<sup>24,25,26,27</sup>.

Vigorando, atualmente, no campo psicanalítico, uma variedade de teorias e escolas, o uso do método psicanalítico demanda, aos pesquisadores, a escolha de uma perspectiva teórica claramente especificada. Atendemos tal requisito, optando pela psicologia psicanalítica concreta<sup>28</sup>. Esta vertente, que se insere no polo relacional da psicanálise<sup>29</sup>, valoriza maximamente a dramática do viver de indivíduos e coletivos, diferindo de outras abordagens relacionais na medida em que insiste, sob inspiração dialética, no reconhecimento de que os fenômenos vinculares devem ser compreendidos à luz dos contextos macrossociais em que se inserem.

A psicologia psicanalítica concreta se articula por meio de dois conceitos básicos: conduta e campo de sentido afetivo-emocional. As condutas são definidas como todo e qualquer ato humano, sempre performados intersubjetivamente, uma vez que a forma humana de existência é, sempre e inevitavelmente, coexistência. Coexistência e intersubjetividade correspondem a condições que se dão como delineamento de espaços de sentido, vale dizer, como campos de sentido afetivo-emocional. Tais campos são

concebidos, na perspectiva da psicologia psicanalítica concreta, como substratos emocionais não conscientes, a partir dos quais as condutas emergem, correspondendo à concepção de um inconsciente que se plasma intersubjetivamente. Assim, se um campo de sentido afetivo-emocional significa um fundamento emocional não consciente, do qual emerge a conduta, enunciar um campo significa apresentar uma interpretação sobre o material, a ser tomada como resultado de pesquisa<sup>28</sup>. Nesse contexto teórico-conceitual, a experiência vivida por indivíduos e coletivos humanos pode ser definida como o modo de habitar dramaticamente os campos de sentido afetivo-emocional<sup>30</sup>. Sendo assim, entendemos que o domínio do psíquico transcende a chamada interioridade pessoal, para abarcar espaços intersubjetivos<sup>27</sup>.

### *Seleção do material*

Como material, resolvemos estudar narrativas de mães que vêm sendo postadas nos chamados *mommy blogs*. Tal decisão se justifica, na medida em que tais *blogs* se conformam como *locus* privilegiado em que mulheres compartilham suas experiências sobre ser mãe nos dias atuais<sup>31,32,33</sup>.

Realizamos duas buscas, cada uma com os seguintes termos "mães em tempos de covid *blogs*" e "mães em tempos de quarentena *blogs*" no Google. Restringimos cada busca aos seus 10 primeiros links, tendo em mente que se tratam dos resultados mais visualizados pelos internautas, o que indica que estão circulando e repercutindo, em termos afetivo-emocionais, entre as pessoas<sup>34,35</sup>. A seguir, realizamos uma seleção do material que atendesse os seguintes critérios:

1. Postagens escritas por internautas que se identificam como mães de crianças saudáveis
2. Postagens provenientes de *blogs* pessoais brasileiros
3. Postagens que tematizassem a maternidade em situação do COVID 19

O uso desses critérios nos levou ao estudo das manifestações de três mães, postadas em três diferentes *blogs*, que atenderam aos critérios estabelecidos. Esse número pode ser considerado suficiente à luz do desenho da presente pesquisa como trabalho qualitativo com método psicanalítico<sup>30</sup>.

### *Análise do material*

Procedemos à leitura do material de pesquisa em estado de cultivo da atenção flutuante e da associação livre de ideias, vale dizer, observando as regras fundamentais do método psicanalítico, com vistas a enunciar interpretações que pudessem fazer sentido em termos da transferência que se estabelece quando os pesquisadores se expõem às comunicações emocionais expressas no material de pesquisa<sup>36</sup>. Por esta via, chegamos à enunciação de interpretações aqui denominadas campos de sentido afetivo-emocional.

#### *Discussão dos resultados*

Suspendemos o uso da atenção flutuante e da associação livre de ideias quando passamos às interlocuções reflexivas, que correspondem ao tipo de discussão demandada por resultados de caráter interpretativo. Esta etapa do trabalho consiste na retomada reflexiva dos campos de sentido afetivo-emocional, em diálogo com a literatura, psicanalítica ou não, e de textos científicos contemporâneos, que tenham abordado as questões humanas apresentadas nos campos, a fim de buscarmos uma compreensão mais profunda sobre o que significam.

### **Resultados Interpretativos**

A consideração psicanalítica do material, produzido pelas manifestações de quatro mulheres, em dois *mommy blogs*, permitiu a produção interpretativa de dois campos de sentido afetivo-emocional, denominados “Fazendo tudo e mais um pouco” e “Meu filho, minha felicidade”. Apresentamos a seguir, na Tabela 1, a distribuição das narrativas das mães em termos dos campos que a elas subjazem.

Tabela 1. Campos subjacentes às narrativas das mães.

Campo	Mães
Fazendo tudo e mais um pouco	M1, M2, M3
“Meu filho, minha felicidade”	M1, M2, M3

O campo “Fazendo tudo e mais um pouco” se organiza ao redor da fantasia de que a mãe deve se ocupar de todas as atividades domésticas, profissionais e familiares



durante o isolamento, para evitar o contágio de sua família pelo corona vírus. Apresentamos, a seguir, trechos que emergem deste campo:

*Precisamos entender como vamos dar conta de trabalhar (quando temos o privilégio de ter um emprego) mesmo tendo filhos precisando de cuidados, atenção e acolhida, uma pilha de roupa e de louça para lavar em uma casa que está implorando por uma boa faxina. Também precisamos digerir a realidade de talvez não ter dinheiro para pagar todos os boletos que precisam ser pagos no final do mês e de conviver com uma despensa cada vez mais vazia por falta de recursos ou porque os supermercados estarão cada vez mais desabastecidos e perigosos de se frequentar. (M1)*

*Pra muitas mulheres, a vida se tornou um corre-corre entre trabalho remoto ou se vira nos 30 pra tentar honrar compromissos e manter a renda, tarefas domésticas, filhos pegando fogo dentro de casa, brigando entre si, com fome constante, além da neurose necessária com a limpeza de TUDO que entra em casa. Quem vive hoje sem álcool em gel? (...) Depois de tanto ajeitar a casa e fazer comida, no confinamento ou em qualquer outro momento da vida, você se dá conta do quanto vale e/ou do privilégio de ter uma ajuda profissional doméstica. Então, agradeça. E valorize esse trabalho! (M3)*

A partir dos relatos dessas mães, fica evidente que, durante o isolamento social, suas responsabilidades aumentaram. Se, antes, já faziam dupla jornada, conciliando suas atividades profissionais e cuidados com as crianças e com a casa, elas contavam com um período em que não precisavam se preocupar com os filhos, porque eles estavam na escola. Também contavam com o auxílio de empregadas domésticas, encarregadas de limpar a casa. Como durante o isolamento as escolas fecharam e as funcionárias foram dispensadas, as mães se encontram fazendo *home office*, cuidando dos filhos que estão o dia todo em casa e ainda se encarregando de todas as tarefas da casa, como cozinhar, limpar, lavar e passar roupa, e fazer as compras.

O campo “Meu filho, minha felicidade” se organiza em torno da fantasia de que as mães se sentem realizadas com a tarefa de cuidar dos filhos e da família. Apresentamos, a seguir, um trecho que emerge deste campo:

*No meio de tudo isso, tento respirar mais, orar mais e procuro ver as coisas pelo lado positivo: que bom que tenho o privilégio de estar em casa cuidando da saúde da minha família. (M2)*

Também é válido lembrar, à guisa de ilustração acerca do que emerge a partir desse segundo campo, que a leitura das postagens coloca-nos frente a impactos contratransferenciais que ressoam como comunicação emocional acerca da importância afetiva dos próprios filhos. Por essa via, somos imaginativamente levados a nos sentir diante de mães dedicadas, em cujas vidas a maternidade ocupa posição privilegiada, mesmo sendo reconhecida como condição que gera muitas exigências, demandas e responsabilidades.

Cabe, portanto, compreender que emergem, a partir do campo de sentido afetivo-emocional “Meu filho, minha felicidade”, sentimentos de satisfação e realização altamente significativos, que se vinculam ao fato dessas mulheres dispensarem cuidados importantes e necessários aos filhos e aos familiares. Ou seja, encontramos nesse campo sinais de que estamos diante de vidas dotadas de sentido ético-emocional, na medida em que incluem uma forma de transcendência ou superação de posicionamentos exclusivamente autocentrados nos próprios interesses.

## **Discussão**

Os campos de sentido afetivo-emocional, que produzimos interpretativamente a partir do estudo das manifestações de três mães, conforma-se como evidência da associação entre maternidade e sofrimento social, na medida em que revelam uma sobrecarga de tarefas e de preocupações<sup>19, 32</sup>.

O campo “Fazendo tudo e mais um pouco” apresenta uma visão clara de como ocorre, normalmente, a divisão de tarefas entre homens e mulheres na sociedade contemporânea. Apesar das conquistas femininas, o cuidado dos filhos e da casa continuam, ainda, sendo exercidos principalmente e em grande parte pelas mulheres. De acordo com o feminismo materialista, circula, em nossa sociedade, a crença de que a mulher, por conta de supostas qualidades inatas, estaria melhor capacitada, do que o homem, a cuidar dos filhos e realizar as tarefas domésticas. Trata-se de uma visão

biologizante, que oculta o fato dos atos de cuidado corresponderem a um tipo definido de trabalho, denominado reprodutivo<sup>17</sup>

A separação entre domicílio e local de trabalho, bem como a distinção entre que tipo de atividade seria ou não gratuita, adquire contornos precisos no período de acumulação primitiva do capital na sociedade ocidental. A partir da montagem das fábricas, o operário, que sairia de casa para trabalhar, exerceria um trabalho produtivo, remunerado, não deixando, entretanto, de ser explorado. Por outro lado, as mulheres, que permaneceram em casa, exerceriam atividades não remuneradas, um “não-trabalho”, mesmo sendo indispensável à sobrevivência de todos. Do ponto de vista da remuneração, a condição feminina guardava, portanto, certa semelhança com o trabalho escravo, que fornecia a matéria prima a ser industrialmente transformada<sup>17</sup>.

Sabemos que, atualmente, um número expressivo de mulheres está inserido no mundo laboral, ainda que auferindo sempre ganhos inferiores aos homens que exercem as mesmas funções. Contudo, tal mudança não alterou a condição doméstica, de sorte que prevalece, já normalmente, um acúmulo de funções<sup>37</sup>. Em termos relativamente normais, a chamada dupla jornada, é a prática mais comum que, evidentemente, realimenta a condição de desvantagem profissional, pois a constante conciliação entre o emprego e o lar certamente interfere negativamente na produtividade feminina. Em tempos de relativa normalidade, as mulheres podem contar com alguma ajuda no que diz respeito ao trabalho reprodutivo: com a escola, onde as crianças passam algumas horas do dia, chegando, eventualmente, a aí receber refeições; e a ajuda remunerada de outras mulheres, que assumem tarefas domésticas, valendo lembrar que prevalece a tendência a calcular os ganhos femininos sempre retirando, do salário da mulher, aquilo que ela gasta para pagar empregada ou diarista.

Na atual circunstância da pandemia pelo COVID-19, durante a qual se impôs o isolamento social, foram implementadas mudanças que fazem do domicílio um lugar de permanência e/ou trabalho para os adultos e de permanência para muitas crianças que aí também realizam tarefas escolares, dado o fechamento das escolas. Além disso, as domésticas auxiliares geralmente têm sido dispensadas, porque poderiam transmitir a doença. Também os avós, que em tempos de normalidade podem participar do cuidado dos netos, tem-se mantido afastados em suas próprias casas por serem grupo de risco.

Este campo de sentido afetivo-emocional, aqui criado/encontrado interpretativamente, faz sentido na medida em que expressa o imaginário vigente numa sociedade que considera a tarefa de cuidar das crianças e adolescentes como uma responsabilidade especificamente materna. Tem-se a impressão de que se encontra em jogo uma transposição imaginária da condição gestacional para a infância e adolescência. Esse movimento opera no sentido de mistificar a produção sociocultural da maternidade e conspira ideologicamente como argumento contrário à experimentação de outras novas configurações familiares e/ou de convivência comunitária. Afinal, a criatividade humana tem permitido que outras formas de cuidado, praticadas em diferentes contextos socioculturais, tenham sido capazes de atender bem algumas necessidades fundamentais do ser humano, entre as quais se destaca a de ser amparado durante os anos que antecedem a adultez<sup>12, 13</sup>.

O segundo campo, que denominamos “Meu filho, minha felicidade”, revela que as mães podem experimentar sentimentos de gratificação afetiva por cuidar de suas crianças, que em sua condição de dependência, são seres humanos mais sensíveis e frágeis. Esse campo coloca em questão duas questões importantes entre os teóricos da psicanálise: essa gratificação afetiva seria um atributo exclusivamente feminino, decorrente da sua biologia, ou poderia ser uma potencialidade ético-afetiva de todo ser humano, independente de gênero?

Para refletir sobre essas questões, recorreremos a Winnicott<sup>38,39,40</sup>, psicanalista inglês que se dedicou ao estudo das relações materno-infantis. Aqueles, habituados a frequentar os textos winnicottianos, sabem o quanto esse psicanalista valorizou o cuidado materno, vendo inclusive, em suas falhas eventuais, a origem de quadros psicopatológicos dotados de certa gravidade. Entretanto, muitas vezes passa despercebido o fato de encontrarmos, nessa produção, dois pontos de vistas diferentes sobre o cuidado de crianças.

Um deles consiste numa elaboração teórica que, partindo de acuradas descrições clínicas, toma cuidado infantil e maternidade, praticados no âmbito da família nuclear inglesa, como sinônimos. Tal teorização produz conhecimentos relevantes sobre as necessidades psicológicas do bebê, mas pressupõe que a mãe biológica seja a melhor cuidadora, segundo um viés naturalizante, que incide na crença no mito do ser humano

natural<sup>28</sup>. Trata-se, assim, de uma teoria de caráter conservador, ainda que atenta aos riscos que altas exigências, feitas às mães, pode ensejar.

O outro ponto de vista consiste numa sofisticada teoria sobre a natureza humana, segundo a qual todo ser humano seria dotado de potencialidades criadoras, que poderiam se realizar caso estivesse inserido em ambiente cultural propício. Uma dessas potencialidades seria a capacidade de se preocupar com o outro, que se encontra na emergência da capacidade de cuidar<sup>41</sup>. Como traço distintivo do humano, essa potencialidade não seria um privilégio feminino, de modo que o fato da maioria dos homens ter estado privada de seu desenvolvimento deve ser compreendido como falha do ambiente social que se encontra diretamente vinculada aos processos de divisão sexual do trabalho, todavia vigentes. Essa divisão, colocada em marcha no período de acumulação primitiva do capital<sup>16</sup>, facilitou a criação do mito do amor materno<sup>42</sup>, vinculando capacidade de cuidar dos mais necessitados, como crianças, adolescentes, idosos e pessoas doentes, à biologia feminina, mas não à natureza humana, negando assim que pudesse vir a ser assumida por pessoas de sexo masculino.

Assim, acompanhando a própria definição winnicottiana de natureza humana<sup>40</sup>, conseguimos desconstruir o mito do amor materno e recuperar a potencialidade humana do cuidado, que depende não de sexo e sim de amadurecimento emocional, concebido como processo que se dá na interação do indivíduo com a herança cultural disponível em seu ambiente social. Desta forma, os cuidados e as preocupações com filhos e com todos da família, implícitos na criação e manutenção de ambientes que sustentem e protejam a vida, seriam assumidos, em princípio, por todos, independentemente do binarismo hierárquico dominante.

Finalizamos, então, sinalizando a necessidade de questionarmos a crença de que maternidade e a família nuclear sejam as melhores formas de solução do problema do cuidado à infância, abrindo espaço para críticas bem como para novas experiências, que podem começar com maior participação masculina no trabalho reprodutivo. Deste modo, estaremos contribuindo para o bem estar de todos, homens e mulheres, pois se os sofrimentos femininos, pela sobrecarga, são mais evidentes, um olhar mais atento nos permite negar os graves prejuízos psicológicos que a privação do exercício de cuidado acarreta nos homens, no sentido do empobrecimento de sua sensibilidade e afetividade.

## Referências

1. Marques ES, Moraes CL, Hasselmann, MH, Deslandes, SF, Reichenheim, ME. A violência contra mulheres, crianças e adolescentes em tempos de pandemia pela COVID-19: panorama, motivações e formas de enfrentamento. *Cadernos de Saúde Pública*. 2020; 36(4): 1-6,
2. Vieira PR, Garcia LP, Maciel ELN. Isolamento social e o aumento da violência doméstica: o que isso nos revela? *Revista Brasileira de Epidemiologia*. 2020; 23, e200033.
3. Maranhão RdeA. Domestic violence during the quarantine of COVID-19: between novels, femicides and prevention. *Brazilian Journal of Health Review*. 2020; 3(2): 3197-3211.
4. Fonseca VRJ, Silva, GAD, Otta E. Relação entre depressão pós-parto e disponibilidade emocional materna. *Cadernos de Saúde Pública*. 2010; 26(4), 738-746.
5. Peterson ER, Andrejic N, Corkin MT, Waldie KE, Reese E, Morton SMB. I hardly see my baby: challenges and highlights of being a New Zealand working mother of an infant. *Kotuitui: New Zealand Journal of Social Sciences*. 2018; 13(1): 4–28.
6. Odenweller KG., Rittenour CE. Stereotypes of Stay-at-Home and Working Mothers. *Southern Communication Journal*. 2017; 82(2): 57-72.
7. Odenweller, KG, Rittenour CE, Dillow MR, Metzger A., Myers SA, Weber K. Ambivalent Effects of Stay-at-Home and Working Mother Stereotypes on Mothers' Intergroup and Interpersonal Dynamics. *Journal of Family Communication*. 2020; 20(1): 16-35.
8. Almeida, LSde. Working mothers and their multivoiced self. *Revista Colombiana de Psicología*. (2012); 21(2): 315-324.
9. Russo A, Lewis B, Joyce A, Crockett B, Luchters S. A qualitative exploration of the emotional wellbeing and support needs of new mothers from Afghanistan living in Melbourne, Australia. *BMC pregnancy and childbirth*. 2015; 15(1): 197.

10. Ravna, Z. V. "Catching a Child": giving birth under nomadic conditions. The methods of pre-and postnatal care of the Nenets mothers and babies. *International journal of circumpolar health*. 2019; 78(1): e1586275.
11. Gottlieb A. Tudo começa na outra vida: a cultura dos recém-nascidos no oeste da África. 1st edition. São Paulo: Unifesp; 2012.
12. Gottlieb A., DeLoache, JS, editors. A world of babies: Imagined childcare guides for eight societies. Updated edition. Cambridge: Cambridge University Press; 2016.
13. Rogoff B. The cultural nature of human development. Oxford, UK: Oxford University Press; 2003.
14. O'Reilly, A. Mothers, mothering and motherhood across cultural differences: A reader. Ontario, Canadá: Demeter Press; 2017.
15. Badinter E. Le conflit: La femme et la mère. 1st edition. Paris: Flammarion; 2010.
16. Federici, S. Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva. 1st edition. São Paulo: Elefante; 2017.
17. Federici, S. O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista. 1st edition. São Paulo: Elefante; 2019.
18. Aching MC, Granato, TMM. Role of a support network for refugee mothers. *Estudos de Psicologia (Campinas)*. 2018; 35(2): 137-147.
19. Visintin CDN, & Aiello-Vaisberg TMJ. Motherhood and social suffering in Brazilian mommy blogs. *Psicologia: Teoria e Prática*. 2017; 19(2): 108-116.
20. Hochschild A., Machung, A. The second Shift: working families and the revolution at home. 1st edition revised. New York: Penguin Books; 2012.
21. Lancet, T. The gendered dimensions of COVID-19. *Lancet (London, England)*. 2020; 395(10231): 1168.
22. Santos CF. Reflections about the impact of the SARS-COV-2/COVID-19 pandemic on mental health. *Brazilian Journal of Psychiatry*. 2020; (AHEAD).

23. Marčinko D, Jakovljević M, Jakšić N, Bjedov S, Mindoljević Drakulić A. The importance of psychodynamic approach during COVID-19 pandemic. *Psychiatria Danubina*. 2020; 32(1): 15-21.
24. Kvale, S. The psychoanalytic interview as inspiration for qualitative research. In: Camic PM, Rhodes JE, Yardley L., editors. *Qualitative research in psychology: Expanding perspectives in methodology and design*. 1st edition. Washington (DC): American Psychological Association. p. 275-297; 2003.
25. Hollway W, Jefferson T. The free association narrative interview method. In: Given LM, editor. 1st edition. *The SAGE Encyclopedia of Qualitative Research Methods*. Sevenoaks (CA): Sage; 2008.p. 296–315.
26. Aiello-Vaisberg TMJ, Machado MCL, Ayouch T, Caron R., Beaune D. Les récits transferenciels comme presentation du vécu clinique: une proposition méthodologique. In: Beaune D., editor. *Psychanalyse, philosophie, art: dialogues*. 1st edition. Paris: Harmattan; 2009. p. 39-52.
27. Herrmann, F. *Andaimes do real*. 3rd edition. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2001.
28. Bleger J. *Psicologia da conduta*. 2a. edição. Porto Alegre: Artes Médicas; 1989.
29. Greenberg, JR., Mitchell, SA. *Object relations in psychoanalytic theory*. 1st edition. Cambridge: Harvard University Press; 1983.
30. Ambrosio FF. *O estilo clínico ser e fazer na investigação de benefícios clínicos de psicoterapias [tese]*. Campinas (SP): Pontifícia Universidade Católica de Campinas; 2013.
31. Pettigrew S, Archer C, Harrigan P. A thematic analysis of mothers' motivations for blogging. *Maternal and child health journal*. 2016; 20(5): 1025-1031.
32. Schulte AA, Gallo-Belluzzo SR, Aiello-Vaisberg TMJ. Postagens em blogs pessoais: aproximação do acontecer humano em pesquisas psicanalíticas. *Psicologia Revista*. 2016; 25(2): 227-241.



33. Van Cleef KM. The Pleasure of Connectivity: Media, Motherhood, and the Digital Maternal Gaze. *Communication, Culture and Critique*. 2020; 13(1): 36–53.
34. Salmons J. Using social media in data collection: designing studies with the qualitative e-research framework. In Sloan L, Quan-Haase A. *The SAGE handbook of social media research methods*. 1st edition. London: Sage. 2017. p. 177-197.
35. Winkler VTC. *Imaginários coletivos de mulheres jovens sobre tornar-se adulta [dissertação]*. Campinas (SP), Pontifícia Universidade Católica de Campinas.
36. Frosh S., Young, LS. Psychoanalytic Approaches to Qualitative Psychology. In: Willig C., Rogers WS, editors. *The SAGE handbook of qualitative research in psychology*. 2nd edition. Thousand Oaks: Sage; 2017. p. 124-140.
37. Bueskens P. *Modern motherhood and women's dual identities: Rewriting the sexual contract*. 1st edition. Abington: Routledge; 2020.
38. Winnicott, D. W. (2005). *Playing and reality*. 2nd edition. Abington: Routledge.
39. Winnicott, D. W. (1958). *Collected papers: Through paediatrics to psychoanalysis*. 1st edition. Abington: Routledge.
40. Winnicott, D. W. (1965). *The maturational processes and the facilitating environment: Studies in the theory of emotional development*. 1st edition Abington: Routledge.
41. Plastino C. A emergência espontânea do sentimento ético como tendência da natureza humana. *Winnicott e-prints*. 2012; 7(1): 80-113.
42. Badinter E.. *L'amour en plus: histoire de maternel, XVIIIe-XIXe siècles*. 1st édition. Paris: Flammarion; 1980.